

1969, de 400° a 530° centígrados, conferem, aproximadamente, com as transmissões do Mariner 5 americano, do ano de 1967, que reportaram mais ou menos 480° centígrados, e 50 até 70 atmosferas de pressão. Os dados obtidos pelos russos foram fornecidos por sondas que haviam descido suavemente: segundo os ditos informes, a camada de ar em torno de Vênus apresenta um índice de gás carbônico de 93% a 97%; de 2% a 5% de nitrogênio; oxigênio parece estar presente apenas na proporção de 0,4%. A pressão de uma atmosfera, aproximadamente, os instrumentos registraram uma proporção de água de apenas 4 a 11 miligramas por litro.

Estes dados representam valioso material de trabalho. Com base nêles, Martynow e Sagan elaboraram planos para uma conquista biológica da estrêla-d'alva e vespertina. Carl Sagan já publicou suas idéias na revista científica "Science", que desfruta da invejável fama de não publicar artigos que não tenham sido examinados previamente, repetidas vêzes, e que não tenham resistido a tôdas as provas científicas.

Sagan acha que, num futuro próximo — êle se refere a alguns de-cênios — espaçonaves, com grande capacidade de carga, descarregarão muitas toneladas de algas azuis na atmosfera de Vênus, isto é, deixá-las-ão cair rumo à superfície de Vênus. Essas algas permanecem vivas mesmo a grandes temperaturas, mas reduzem, graças a seu metabolismo, a elevada percentagem de gás carbônico. Em virtude dêste constante metabolismo, a temperatura da superfície cairia gradativamente, baixando, finalmente, a menos de 100° centígrados. As algas azuis causariam, portanto, a mesma transformação química que, em tempos remotos, se processou no "caldo primitivo" de nossa Terra: com a ajuda de luz e de água, partículas de gás carbônico poderiam ser transformadas em oxigênio. Se, porém, as algas azuis tiverem baixado a temperatura para menos de 100°, uma chuva diluviana se precipitará sobre Vênus. Luz, oxigênio e água ofereceriam, então, as condições preliminares para os inícios de vida primitiva!

Uma vez que os cientistas pensam, desde agora, na eventual migração do homem para outro planêta, já planejaram, também, medidas de precaução para nós, que somos sensíveis seres um tanto artificiais: na segunda fase de sua colonização de Vênus, está

previsto espalharem, por meio de pulverização, produtos químicos, a fim de destruir micro-sêres que, talvez, poderiam tornar-se perigosos para a "coroa da criação".

Só gerações bem distantes irão presenciar a execução dêste projeto gigante, pois, embora planos desta natureza possam ser apresados, é preciso pensar em longos prazos, indispensáveis à formação de novos mundos. No presente momento, os pesquisadores admitem que decorrerão 1.000 anos antes que a primeira espaçonave de evacuação possa partir para Vênus.

Estamos nos acostumando a ser surpreendidos por grandes feitos técnicos. No dia 20 de julho de 1969, centenas de milhões de pessoas viram como, às 3 horas, 56 minutos e 20 segundos, hora média européia (GMT), os dois astronautas Neil Alden Armstrong e Edwin E. Aldrin foram os primeiros homens a pisar o solo da Lua. Êste acontecimento, até então o mais grandioso em matéria de navegação espacial, causou admiração e assombro em torno do globo todo, na humanidade inteira. Mas, enquanto o homem acompanha o espetacular vôo até a Lua, a ciência já se dedica a novas pesquisas, por meio de sondas enviadas a Marte e a Vênus, aventando inclusive a possibilidade de abrir um caminho para a colonização do planêta irmão da Terra. Como a conquista da Lua começou com satélites não tripulados, assim também o planêta Vênus está sendo testado por sondas. No dia 18 de maio de 1969, veio de Moscou a notícia de que a sonda Vênus havia terminado, após 130 dias de vôo, a viagem de 250.000.000 km, com uma carga útil de 1.130 kg. Quando a sonda ainda se encontrava a 50.000 km de Vênus, a estação da Terra transmitiu o último comando: a sonda devia lançar um pára-quebras contendo uma cápsula com instrumentos. A agência Tass informou que a descida do pára-quebras havia durado 53 minutos.

A distância de Vênus à Terra varia de acôrdo com a posição dos dois astros em suas respectivas órbitas: pode ir de 42 a 257 milhões de quilômetros. As sondas russas não alcançaram o planêta Vênus pelo caminho mais curto. Isto parece um paradoxo. Mas o plano russo para as trajetórias de vôo das sondas Vênus prevalece ainda hoje para todos os vôos espaciais: o percurso de vôo depende de qual é a quantidade mínima de combustível para o transporte da